

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

ANA CLARA DE LENA COSTA ANDRADE

**A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E A INTERAÇÃO: UMA ANÁLISE DO FILME
*NELL***

CURITIBA

2018

ANA CLARA DE LENA COSTA ANDRADE

**A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E A INTERAÇÃO: UMA ANÁLISE DO FILME
*NELL***

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura, Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, para obtenção do título de especialista.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria de Lourdes Rossi Remenche

CURITIBA

2018

ANA CLARA DE LENA COSTA ANDRADE

A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E A INTERAÇÃO: UMA ANÁLISE DO FILME *NELL*

Esta monografia foi julgada e aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista, do curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Curitiba, 19 novembro de 2018.

Prof^a. Dr^a. Maria de Lourdes Rossi Remenche - UTFPR

Orientadora

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima - UTFPR

Avaliador

Prof. Dra. Maurini de Souza - UTFPR

Avaliadora

A folha de aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, que nos dá a dádiva da vida e nos permite trilhar os caminhos preparados por Ele, com sua onipresente proteção e bençãos imensuráveis.

Aos meus pais, Paulo Roberto e Maria Antonieta, que foram escolhidos por deus para estarem ao meu lado, me ensinando, guiando e amando sem medidas.

Ao meu irmão Matheus, um companheiro, amigo e protetor para toda a vida.

“Procure pelo perfume das flores; não por seus espinhos”

(Autor desconhecido)

RESUMO

ANDRADE, Ana Clara de Lena Costa. **A aquisição da linguagem e a interação: uma análise do filme *Nell***. 34 f. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa e Literatura) – Programa De Pós-Graduação em Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

O objetivo desse trabalho é fazer uma análise comparativa/contrastiva sobre as teorias de aquisição de linguagem postuladas por diversos pensadores, como Jean Piaget, Lev Vygotsky, Ferdinand de Saussure, entre outros, tomando como objeto de análise o filme *Nell*, de 1994, dirigido por Michael Apted. A temática da película discorre sobre o desenvolvimento da linguagem de uma mulher, que dá nome ao filme, que cresceu isolada, e, em algum momento da sua vida, teve contato com a civilização. A comunicação entre ela e o restante da humanidade apresentou dificuldades e levantou muitos questionamentos, como, por exemplo, quais seriam as relações entre a fisiologia e o comportamento humanos, como o ambiente influi em nosso organismo e quais aspectos do psiquismo humano estariam determinados geneticamente. Respondê-los, sob o prisma da Psicolinguística, ciência oriunda do estudo das teorias de aquisição de linguagem, é o tema do presente trabalho. Temáticas como o Behaviorismo, o Inatismo, entre outras, serão explanadas e comparadas aos laivos da questão suscitada pelo filme, que desperta a necessidade de compreender até que ponto a linguagem é uma faculdade essencial e eminentemente humana, e o quanto o meio em que o indivíduo é inserido influencia e modela o desenvolvimento cognitivo do ser humano.

Palavras chave: Aquisição de linguagem. Análise teórica. Desenvolvimento humano. Interacionismo. Influências ambientais no cognitivo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 ABORDAGENS DO COMPORTAMENTO HUMANO.....	11
2.1 O PAPEL DA LINGUAGEM PARA O DESENVOLVIMENTO E AS RELAÇÕES HUMANAS.....	12
3 A PSICOLINGUÍSTICA E SUAS IMPLICAÇÕES.....	20
3.1 AS TEORIAS DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM – A INTERAÇÃO E O INATISMO.....	21
3.2 AS TEORIAS DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM COMPARADAS ATRAVES DO FILME <i>NELL</i>	26
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

Lançado em 1994, sob a direção de Michael Apted, o filme *Nell* expõe a história de uma mulher, jovem adulta, que dá nome ao filme, e que foi criada em uma floresta, afastada de qualquer contato com a sociedade e a civilização. Os únicos relacionamentos humanos com os quais Nell (interpretada pela atriz Jodie Foster) foi confrontada foram a sua mãe e uma irmã gêmea, que faleceu, aparentemente, entre os 6 e os 10 anos de idade.

Subentende-se ao longo da narrativa que a mãe da protagonista sofreu um AVC (Acidente Vascular Cerebral) que a deixou com a sequela de uma dicção não adequada. Em outras palavras, sua genitora era afásica. A família da mãe com as filhas gêmeas não tinha parentes para lhes amparar. Em certas cenas, indícios de que a mãe de Nell fora vítima de um estupro ficam claros, e, por isso, ela se “escondia do mundo”.

Citando Morato (2009, p.154), a afasia é definida como uma “perturbação da linguagem”, que pode afetar ambos os aspectos da fala: produtivo (dicção) e interpretativo (compreensão e reconhecimentos de sentidos nos enunciados alheios). A causa da afasia é uma lesão no Sistema Nervoso Central, muitas vezes proveniente de Traumatismos Cranianos e Encefálicos, Acidentes Vasculares Cerebrais, tumores, entre outros. A dicção para o sujeito afásico é árdua e custosa, e a fonoarticulação dos sons e morfemas é quase sempre alterada.

Compreendemos que Nell viveu por toda a sua vida de maneira simplória, e se comunicando em um “dialeto” próprio, originado das dificuldades que o AVC causou na fala de sua mãe antes de seu nascimento.

A película em si começa com o Dr. Lovell (interpretado por Liam Neeson) sendo convocado para constatar a morte da mãe de Nell na afastada cabana onde a senhora morava com sua filha. O médico foi tomado pela curiosidade e pelo interesse que as seguintes questões despertaram: O que fazer com Nell? Ela era capaz de viver sozinha na floresta? Deveria ser internada num hospital? Era autista, deficiente mental, louca?

A partir desse momento, a trama gira em torno das decisões que o Dr. Lovell e a psicóloga Paula (Natasha Richardson) querem tomar a respeito do destino de Nell. Inicialmente com pontos de vista antagônicos, observam a moça durante meses e tentam chegar a um consenso. Tal “humanização” dos julgamentos dos profissionais

surgiu da autoanálise e da imersão para si mesmo que a realidade da paciente despertou neles. As condições de vida de Nell mostraram diferentes possibilidades que a vida deles poderia ter.

Com certeza a cena mais marcante do filme é a penúltima. Nesse momento, os personagens estão no tribunal decidindo o que fazer quanto ao destino de Nell, que era, para muitos, a “mulher selvagem”. No clímax das decisões, Nell decide se expressar usando seu “dialeto” e o médico serve de intérprete. A partir de seu depoimento, fica clara a desenvoltura do seu raciocínio, a autonomia e a maturidade dela. Perante toda a cidade, Nell prova que é capaz de viver sozinha. Na última cena, ela está em sua casa na mata festejando seu aniversário com os amigos.

Inúmeros estudiosos podem ser retomados ao analisarmos essa obra. Entretanto, o que mais sintetiza a essência da trama é Jean-Jacques Rousseau, filósofo suíço, que postulou que a liberdade é natural ao homem e que ela se personifica nas ações tomadas pelos indivíduos para satisfazer seus instintos e necessidades os mais primários. Para Rousseau, o ser humano nesse estado desconsidera as reações dos outros para suas ações e não deseja nem se obriga a manter relações sociais. Nenhum dos outros personagens, ditos civilizados, é mais livre do que Nell (em qualquer aspecto). Em seu livro *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens* (1978, p. 32), o filósofo afirma que "a maioria de nossos males é obra nossa e os evitaríamos, quase todos, conservando uma forma de viver simples e uniforme e solitária que nos era prescrita pela natureza". Essa citação resume da forma mais pungente e eloquente o pensamento da protagonista durante a cena do tribunal.

Portanto, o trabalho a seguir tem como objetivo assimilar a relação entre a aquisição da linguagem pelos seres humanos e a interação social que faz com que essa habilidade se desenvolva ou não. Em outras palavras, o trabalho almeja investigar até que ponto a aquisição da linguagem é um fenômeno intrínseco e natural para a psique humana, e até que ponto o meio no qual uma pessoa é criada influencia no desenvolvimento dessa competência.

A metodologia de pesquisa será de caráter descritivo e bibliográfico. Foram utilizados nesse trabalho como fonte de pesquisa: livros, artigos científicos, teses e dissertações. O estudo ficou organizado da seguinte maneira: em um primeiro momento, o presente trabalho se dedicará a explicar as questões inerentes ao

comportamento humano, em suas facetas diversas, tratando da constituição naturalmente sociável da espécie humana.

Após essa elucidação inicial, o trabalho prosseguirá analisando a aquisição da linguagem e as faculdades cognitivas e sociais que moldam essa habilidade humana. Por fim, serão feitas comparações entre os temas propostos por estudiosos da área da Linguagem, como Bakhtin, Piaget, Vygotsky, entre outros, e as questões mostradas no filme *Nell*.

2 ABORDAGENS DO COMPORTAMENTO HUMANO

A primeira leitura que podemos fazer é que a protagonista do filme analisado nesse trabalho representa a essência da humanidade. Ela é a personificação do homem em seu estado natural, desprovido de qualquer civilização. Isso gera nela autonomia nas suas escolhas, e certa incapacidade para Nell compreender os fatos e convenções sociais.

A jovem também foi capaz de criar sua própria cultura, que foi baseada na convivência dela com sua mãe e sua irmã. Outra inferência que podemos fazer com esse fato é a reflexão sobre o que faz parte inatamente do ser humano, e o que lhe é inculcado socialmente. Consequentemente, o contato com outras culturas nos faz enxergar mais imparcial e coerentemente nossa cultura.

A interação social é uma necessidade humana. O ser humano é essencialmente biológico, concreto, social e histórico. O pleno desenvolvimento das capacidades cognitivas somente é atingido quando o indivíduo pertence a um meio que lhe ofereça estímulos e oportunidades condizentes com sua cultura, história e ideologia. Bock *et al* afirmam que

O homem é um ser concreto, isto é, pertence a determinada cultura, classe social, sexo, grupo étnico, etc., e este pertencimento integra seu ser. O homem é um ser social, isto é, somente se desenvolve como um ser humano pela incorporação das experiências com os outros homens. É o conjunto das relações sociais que define o seu ser. O homem é um ser histórico, isto é, é o produto de um desenvolvimento, que faz emergir características, possibilidades e dificuldades. O nascimento das representações, ideias e de sua consciência está diretamente relacionado, desde seu início, com a atividade e com as relações sociais. Somos seres multideterminados. (1989, p. 151-152)

O ser humano nasce carregando consigo uma determinação genética que somente se manifestará a partir da influência ambiental. Assim, inferimos que a herança genética dá possibilidades e limites. O homem nasce com essas possibilidades e limites e entra em ação em um mundo social, no qual estabelece relações sociais e transforma o mundo com suas atividades. Incorporando as características desse meio (aqui entendido no seu sentido mais amplo, envolvendo

cultura, classe social, condições de vida relações, experiências, alimentação, clima, etc.), torna-se um ser humano. Citando novamente Bock *et al*,

O mistério ou talvez a beleza do comportamento humano está na maneira como integra uma informação mais ampla, geral e antiga, proveniente da história das espécies à informação mais detalhada concreta e variável do ambiente presente. (1989, p. 132)

A narrativa nos propõe reflexões acerca do homem como ser social, que é que o caracteriza humano. Vemos que não basta a configuração genética acumulada filogeneticamente em nossa espécie para sermos seres humanos. Por outro lado, essa afirmação não desabona a importância desse código genético transmitido de geração a geração. Mas o mesmo não é suficiente por si só para que saibamos enfrentar a realidade.

Assim sendo, depreendemos que o comportamento humano é transmitido e herdado, e que os genes são responsáveis por determinar a natureza dos atos e o ambiente contribui com o estímulo que o desencadeia (o comportamento).

2.1 O PAPEL DA LINGUAGEM PARA O DESENVOLVIMENTO E AS RELAÇÕES HUMANAS

Intrinsecamente ligada à questão comportamental e atitudinal humana, existe outra faculdade, e que é a mais importante na análise produzida nesse trabalho: a linguagem. Entende-se por linguagem o elemento que permite ao homem tomar consciência da concretude das coisas.

O ser humano não é a espécie mais capacitada do planeta em muitos aspectos: força, agilidade, tamanho, entre outros. Ainda assim, o homem é a espécie dominante mediante todas as outras. De acordo com Abreu (2010), o que nos transformou na espécie dominante foi uma característica particular à espécie humana: a capacidade de criar infinitos símbolos/signos, que são vinculados à articulação sonora ordenada e sistematizada.

Nenhuma outra espécie animal possui o privilégio de usar a linguagem para se comunicar transmitindo conhecimento e heranças culturais às outras gerações. Essa faculdade humana é um signo mediador por excelência. A linguagem carrega em si

conceitos criados pela cultura humana. Por isso, depreende-se que a interação do homem com seu meio não é direta, mas mediada por ferramentas auxiliares às atividades humanas, como a linguagem.

A língua utilizada por uma pessoa e/ou comunidade exerce um papel muito dominante e poderoso. É somente através do uso da linguagem que conseguimos ter a expressão da consciência humana em todas as suas facetas: desejos, intenções, conhecimentos, impulsos, entre outros.

Bakhtin, em seu livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, define essa expressão como

tudo aquilo que, tendo se formado e determinado de alguma maneira no psiquismo do indivíduo, exterioriza-se objetivamente para outrem com a ajuda de algum código de signos exteriores. A expressão comporta, portanto, duas facetas: o *conteúdo* (interior) e sua *objetivação exterior* para outrem (BAKHTIN, 1990, p. 112 - 113, grifos do autor)

Com certeza, o maior destaque no que tange ao processo do pensamento é da linguagem. Usar a linguagem para se comunicar é a essência de ser humano. Ser humano é, primeiramente, participar do contexto cultural e social em que estamos inseridos. Fiorin, em seu livro *Introdução à Linguística*, postula que

O fascínio que a linguagem sempre exerceu sobre o homem vem desse poder que permite não só nomear/criar/transformar o universo real, mas também possibilita trocar experiências, falar sobre o que existir, poderá vir a existir, e até mesmo imaginar o que não precisa nem pode existir. A linguagem verbal é, então, a matéria do pensamento e o veículo da comunicação social. Assim como não há sociedade sem linguagem, não há sociedade sem comunicação. Tudo o que se produz como linguagem ocorre em sociedade, para ser comunicado, e, como tal, constitui uma realidade material que se relaciona com o que lhe é exterior, com o que existe independentemente da linguagem. Como realidade material – organização de sons, palavras, frases – a linguagem é relativamente autônoma; como expressão de emoções, ideias, propósitos, no entanto, ela é orientada pela visão de mundo, pelas injunções da realidade social, histórica e cultural de seu falante. (2006, p.11)

Outros estudiosos da linguagem também tratam da relação intrínseca e inseparável entre o ser humano e a linguagem. Marcos Bagno, por exemplo, afirma que “ser humano é ser na linguagem” (2014, p. 11). Para esse autor, a relação entre o homem e a linguagem é densa e complexa, pois a linguagem é um fenômeno

simultaneamente interno e externo às pessoas. Ao mesmo tempo em que a linguagem faz parte da constituição psíquica, ela também oportuniza que a natureza social da espécie humana seja posta em prática. Ainda citando as palavras de Bagno,

Nossa vida só faz sentido em sociedade. E a linguagem é, decerto, o nexo mais poderoso que mantém uma comunidade humana interligada, intraligada, coesa. A prova mais impressionante disso são os casos registrados de crianças que, muito cedo privadas do contato humano, nunca aprenderam a falar, mesmo depois que, jovens adultas, foram encontradas e reconduzidas ao convívio social. (2014, p.11)

A citação acima reitera o fato de que o isolamento social gerou danos ao desenvolvimento da cognição e do convívio social da protagonista do filme analisado. Quando afirmamos que a linguagem é uma manifestação de ordem cognitiva, depreendemos que é essa capacidade humana que nos permite nortear a passagem das representações simbólicas às experiências e conhecimentos, e também viabiliza a organização hierárquica e a utilização do pensamento.

Outro ponto fundamental no tocante ao desenvolvimento cognitivo do ser humano é a interação sociocultural. Bagno, no livro *Língua, Linguagem, Linguística*, constata que “o conhecimento/cognição se constrói em comunidade, num trabalho coletivo. Um fato interessante nessas palavras é a presença do prefixo –co, que é, na verdade, a preposição com” (2014, p. 13, grifos do autor). Toda forma de conhecimento é, dessa maneira, social.

Assim sendo, não se pode afirmar que a linguagem é um fenômeno de ordem exclusivamente cognitiva ou exclusivamente social. A linguagem é um fenômeno sociocognitivo, pois é concomitantemente uma capacidade biológica (e específica) da espécie humana de adquirir e perpetuar conhecimento por meio de representações simbólicas e também um fator de coesão social.

As referidas construções simbólicas acima citadas são construídas pelas sociedades historicamente. A invenção dos signos linguísticos são os subsídios da cultura humana que orientam o pensamento. Além desses instrumentos (os signos linguísticos), as culturas, diacronicamente, constroem representações sociais. Todo ser humano, ao nascer, está já inserido em um agrupamento das referidas representações e símbolos. Porém, as características e habilidades não nascem prontas, sendo necessário desenvolvê-las e aprimorá-las no decorrer da vida, como pode ser visto na citação a seguir

As funções psicológicas superiores do ser humano surgem da interação dos fatores biológicos, que são parte da constituição física do *Homo Sapiens*, com fatores culturais que evoluíram através de dezenas de milhares de anos de história humana. (LURIA, 1994, apud PAULA & MENDONÇA, 2018, p. 26)

De acordo com Lev Vygotsky (1988), o emprego da linguagem é uma das ferramentas mais significativas para a formação da consciência de um ser humano, logo na primeira infância. A linguagem é um dos aspectos mais relevantes da vida em sociedade. Ao nascer, o ser humano não compreende o que lhe é dito. Somente aos poucos começa a atribuir um sentido ao que ocorre ao seu redor. Todas as experiências humanas são internalizadas através da comunicação interpessoal.

O desenvolvimento da linguagem tem início quando o ser humano, ainda bebê, começa a reproduzir os sons que escuta. Portanto, a aquisição da linguagem, principalmente na sua forma oral, depende das possibilidades que as pessoas têm de observar e participar de situações comunicativas desde o nascimento. De acordo com Oliveira (1999, p. 42), é a necessidade de comunicação que impulsiona o desenvolvimento da linguagem.

Através da evolução das capacidades de interiorizar os aspectos linguísticos que ajudam a controlar sua comunicação, o ser humano, conseqüentemente e em uma reação em cadeia, produz cada vez mais, novos vínculos sociais que contribuem para o desenvolvimento constante do seu intelecto.

A representação simbólica da realidade evolui psiquicamente ao longo da vida das pessoas em direções e formas cada vez mais sofisticadas, tendo como base o diálogo permanente do homem com o contexto cultural em que ele está inserido, pois é na linguagem e pela linguagem que o ser humano se constitui.

Vygotsky pontua que a coletividade e a cultura são elementos que não podem se separar na formação da psique humana. Para ele, “não há psicologia sem coletivo e a linguagem é entendida como a concretização dessa coletividade” (ULBRA, 2009, p. 27).

Para os linguistas adeptos ao Comportamentalismo, a linguagem se define em comportamento operante que se pauta no condicionamento vindo do estímulo e da resposta. Partindo da ideia de que o maior instrumento de socialização é a linguagem, citemos Bock, quando diz que “a criança amplia seu domínio sobre o mundo e seus

elementos e símbolos e aumenta sua capacidade de interferir nele, pois agora possui um código comum”. (1989, p.190).

Tendo tais concepções em mente, podemos compreender por que razão, no início do filme analisado, Nell é vista como uma “selvagem” pelas outras pessoas. A protagonista não sabe se socializar, pois não fala como as outras personagens. Depois de muita observação, os profissionais responsáveis por acompanhar o caso da jovem descobriram que o “dialeto” dela era inglês, falado com muita dificuldade.

É interessante ressaltar que seu vocabulário possuía certa riqueza de conhecimentos, mesmo com a ressalva de que seu léxico não poderia se comparar ao de um falante normal do inglês. Tal fato se explica uma vez que a protagonista cresceu distante de qualquer sociedade minimamente organizada, apenas na companhia de uma única pessoa, sua mãe, a qual possuía uma deficiência na fala que a impedia de se expressar verbalmente. A dificuldade mais pertinente da personagem principal do filme era em pronunciar as palavras, não havendo indícios, após observação médica, de que a mesma possuísse alguma incapacidade de raciocínio.

Nell é perfeitamente capaz de expressar todas as facetas emocionais humanas. Ela demonstra carinho, medo, desejos, sofrimento, alegria, angústia, mesmo sem falar a língua comum aos outros personagens. No tocante a esse aspecto, a protagonista prova que a linguagem humana é universal no aspecto sentimental, por mais que no âmbito vocabular possa haver certas dificuldades de compreensão.

Quando estava no processo de aquisição de sua linguagem, Nell recebeu estímulos somente da fala de sua mãe, que era comprometida. Essa dificuldade resultou em uma linguagem ou “dialeto” próprio, que era uma variação do inglês. A psicóloga Paula (interpretada pela atriz Natasha Richardson) revela em uma cena, após analisar por meses a forma como a protagonista se expressava verbalmente: *“She speaks English: ‘spee’ is ‘speak’, ‘afa’ é ‘after’, but she is dropping the consonants (ela fala inglês(...), mas está pulando as consoantes)”*.

Quando ponderamos sobre a composição dos signos linguísticos, não podemos deixar de mencionar os estudos de Ferdinand de Saussure (1962) acerca dos conceitos que abarcam esses signos. O referido autor foi o primeiro a afirmar que a palavra não é rígida/homogênea. A palavra, ou signo linguístico, é uma unidade constituída de duas faces, ou seja, de dois lados que se complementam: o *significante* e o *significado*. O *significante* é, grosso modo, a “imagem acústica” da palavra. É a

parte do signo linguístico que ouvimos, registramos e interpretamos. O *significado*, por sua vez, é o conceito ao qual a palavra se relaciona.

Utilizando um exemplo prático para marcar a diferença entre *significante* e *significado*, podemos elencar a palavra “cadeira”. O significante desse signo linguístico é mutável, pois em cada idioma ele é pronunciado de uma maneira diferente (“*chair*”, em inglês, “*chaise*”, em francês, “*sedia*” em italiano, “*stulh*” em alemão, entre outros). No entanto, o significado, ou seja, o conceito do que é uma “cadeira” (peça de mobília, assento) é o mesmo em qualquer sociedade.

Através da separação desses dois conceitos, Saussure (1962) postulou um grande marco da Linguística moderna: não existe uma correlação exata entre os significados e significantes. Retomando a análise da comunicação entre a protagonista do filme e as outras personagens, somos remetidos a uma questão de maior complexidade: a linguagem enquanto um sistema. Para Saussure, as palavras existindo por si mesmas não possuem significado nenhum. Elas só se tornam uma ferramenta organizadora do pensamento se estão dentro de um sistema organizado (a cultura, a língua, o conhecimento compartilhado entre uma sociedade, etc).

De acordo com o proposto por Saussure (1962), os significados podem ser compartilhados entre as pessoas porque operam dentro de uma lógica de ordenamento de seus significantes.

Quando analisamos a composição de um enunciado, devemos levar em conta as expressões faciais, tons de voz, gestos, entre outros fatores, que são parte integrante da compreensão em um diálogo. Dessa maneira, não são somente as palavras articuladas que interferem no processo do dialogismo, mas toda a configuração corporal do enunciante no momento da fala.

É por esse motivo que, durante as cenas do filme, é visto que, mesmo não falando a mesma “língua”, existe, de alguma maneira, troca de ideias (e uma compreensão, mesmo que vaga) entre as personagens.

A linguagem de Nell é instigante e reveladora. Por ter adquirido seu primeiro contato com a língua através de sua mãe afásica, muitos aspectos fonéticos interessantes da fala da personagem podem ser estudados. Pois, mesmo não tendo a paralisia facial que gerou a afasia da mãe, ela reproduz com exatidão as mesmas dificuldades fonético-fonológicas.

A linguagem humana é composta de signos linguísticos que possuem sentido apenas no contexto de uso de uma determinada língua. Os sons produzidos em uma

língua, quando transformados em palavras e posteriormente frases coerentes, inscrevem no cognitivo do usuário desse idioma, os códigos culturais, ou seja, os valores que regem as relações sociais entre os indivíduos pertencentes à sociedade em que esse falante vive.

Para melhor assimilação do caráter dialógico e social da linguagem, devemos citar Mikhail Bakhtin. Para ele, somente é possível compreender a linguagem através do uso que fazemos dela na vida cotidiana. O filósofo e teórico da linguagem russo considerava a linguagem o principal elemento que constitui um sujeito, quer em sua história de vida pessoal, quer na cultura em que esse sujeito está imerso.

Bakhtin (1990) concebia a linguagem como interação verbal, como uma atividade social. De acordo com seus estudos, toda enunciação proferida é um diálogo. E esse diálogo é parte de um processo ininterrupto de comunicação. Um enunciado proferido por um sujeito pressupõe os que o antecederam e também aqueles que o sucederão. Uma analogia feita pelo teórico sobre os enunciados é de que cada um deles é um elo em uma cadeia, e que todo e qualquer enunciado somente é compreendido dentro dessa cadeia.

Para o autor, a linguagem é inseparável da interação verbal, ou em outras palavras, da atividade social. Nenhum discurso é realizado sem ter um interlocutor pressuposto, nem que seja o próprio enunciador. Nas palavras de Bakhtin

Essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela [a palavra] constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão *a um* em relação *ao outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros (...). Na verdade, qualquer que seja a enunciação considerada, mesmo que não se trate de uma informação fatural, (...) é certo que ela, na sua totalidade, é socialmente dirigida (1990, p. 115 - 116, grifos do autor)

Ressaltemos que de acordo com essa compreensão de linguagem, uma criança, ao nascer, não recebe a língua “pronta”, já dominando todos os seus aspectos. Ao nascerem, os seres humanos são inseridos gradativamente na corrente de interação e comunicação verbal. E é estando nela e por meio dela (a interação verbal) que ocorre o despertar da consciência para os usos sociais da linguagem.

O *valor linguístico* de um enunciado, termo esse cunhado por Saussure (1962), portanto, não é apontado através de um sistema puramente linguístico, analisando-se a língua por ela mesma. Esse valor é forjado nas mais diversas maneiras de interação que a linguagem permite. Bakhtin (1990) afirma que o discurso verbal é diretamente ligado à vida em si e não pode ser dissociado dela sem perder sua significação. Para ele, o discurso verbal se envolve intrinsecamente com a vida, e forma com ela uma unidade indissociável.

Nesse aspecto, se comprovam as teorias linguísticas de fundamentação social, que postulam que a aquisição de um idioma se faz pelo contato social. Em relação ao filme, objeto de análise desse trabalho, a primeira língua adquirida pela protagonista reproduzia as dificuldades da genitora (sua única companhia). Ao interagir com outros indivíduos, ela passou a acumular novos comportamentos, além de novos conhecimentos linguísticos (e de mundo).

3 A PSICOLINGUÍSTICA E SUAS IMPLICAÇÕES

Oriunda da união de duas disciplinas das Ciências Humanas (Linguística e Psicologia), a Psicolinguística tem por objetivo analisar o comportamento humano correlacionando-o com a língua/fala. A Linguística descreve e sistematiza a organização e os processos que regem as línguas naturais, e considera, para isso, a interação dos indivíduos que representam uma sociedade. Por sua vez, a Psicologia estuda a linguagem para analisar e interpretar comportamentos e condutas que o falante verbaliza. Em outras palavras, a Psicolinguística

Procura identificar e analisar os processos subjacentes tanto à compreensão como à produção da linguagem. Como disciplina que lida com a linguagem, tem conexões com a linguística, a neuropsicologia, e as ciências cognitivas, mantendo, entretanto, uma perspectiva própria, caracterizada pela análise cognitiva desses processos (GODOY, 2011, p. 16)

É fundamental, entretanto, que se aclare que a Psicolinguística “não é a simples soma da Psicologia e da Linguística. Trata-se de uma ciência que ultrapassa as fronteiras das duas ‘ciências-mães’ e busca novas abordagens e metodologias científicas” (GODOY, 2011, p.17).

O surgimento da Psicolinguística data de meados da década de 1950. De fato, essa ciência se originou da necessidade de novos campos de estudo que subsidiassem teorias explicativas de diversos fatos de ordem prática, pois a abordagem da Linguística até então era estritamente formal e também insuficiente para a observação de questões sociais (uma vez que excluía o sujeito falante de sua análise até então).

A Psicolinguística é uma ciência que tem por objetivo compreender de que maneira os seres humanos compreendem, produzem, adquirem e perdem a linguagem. Assim, podemos compreender a Psicolinguística, segundo Ré e Préneron, como a ciência que estuda “os processos linguísticos implicados na aquisição e no uso da linguagem” (2010, p.14).

A abordagem psicolinguística enfoca os fenômenos intrínsecos à linguagem considerando as capacidades psicológicas e fisiológicas de cada indivíduo, que por sua vez são regidas pelos sistemas de normas e/ou valores sociais da comunidade em que o indivíduo vive.

Ainda mencionando a questão da aquisição da linguagem, podemos afirmar que atualmente a Psicolinguística possui um amplo leque de áreas de estudo. Tais áreas estão relacionadas aos mecanismos de aquisição e uso dessa linguagem pelos seres humanos, além de tentar compreender os problemas que tais mecanismos podem ter.

Em relação à temática do filme analisado no presente trabalho, pode-se dizer que as questões suscitadas pelo comportamento verbal da protagonista Nell são de interesse da Psicolinguística. Tal fato se explica porque os sujeitos que têm algum transtorno em seu comportamento verbal são um dos grupos de estudo dessa ciência. Citando Godoy e Senna

Os problemas que preocupam a Psicolinguística na atualidade incluem as diferenças de percepção e compreensão da fala, o papel do contexto no processamento da fala, a aquisição da linguagem, a produção da fala nos mais diferentes níveis de sua geração, e os problemas neuropsicológicos da linguagem. (2011, p. 20 – 21)

A Psicolinguística considera o funcionamento da linguagem de maneiras diversas: como manifestação cognitiva e psíquica, mas levando em consideração os inúmeros fatores externos ao indivíduo nas suas interações socioculturais.

Considerado um dos temas mais fascinantes dessa ciência, o processo de aquisição de linguagem foi explorado por diversos teóricos, que, desde o início do século XX (com a publicação das obras de Ferdinand de Saussure e Noam Chomsky), almejam postular um método eficaz sobre a compreensão da origem da fala.

3.1 AS TEORIAS DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM – A INTERAÇÃO E O INATISMO

A linguagem é considerada por muitos como o viés mais interessante de estudo do filme analisado nesse trabalho. Tal assunto pode ser abordado através das teorias de diferentes teóricos.

Para Vygotsky, defensor da teoria Interacionista, por exemplo, o processo do linguajar humano é um dueto indissociável de pensamento-linguagem. Na visão do autor, a questão cultural é a parte mais importante na aquisição e construção de

significados pelos indivíduos. Como exemplo disso, no filme a protagonista expressa seus pensamentos empregando sua linguagem própria/particular, que cumpre a tarefa de trazer forma aos seus pensamentos. Essa linguagem foi baseada na simbologia que a rodeou desde o nascimento.

A tese Interacionista sustentada por Lev Vygotsky se fundamenta no contato integral do homem com o mundo exterior para alcançar êxito em seu aprendizado. Para esse teórico, os seres humanos nascem em um mundo em que as relações interpessoais e os valores que as orientam são construídos através de um processo histórico, permeando diversas gerações.

É através da introjeção de tais valores é que nos tornamos sujeitos sociais, ou seja, nos apossamos dos sistemas de comunicação e somos incluídos na sociedade. Para Bakhtin (1980), quando somos capazes de participar de algum tipo de interação social, conseqüentemente nos tornamos aptos a trocar conhecimentos com os outros sujeitos de nosso grupo social, e, assim, nessa participação, nos constituímos sujeitos. Citando as palavras de Leontiev *apud* Mendonça,

Podemos dizer que cada homem aprende a ser homem. O que a natureza lhe dá quando nasce na lhe basta para viver em sociedade. É-lhe preciso ainda entrar em relação com os fenômenos do mundo circundante, através de outros homens, isto é, num processo de comunicação com eles. (2012, p. 29)

Ainda de acordo com o afirmado por Vygotsky (1987), enquanto nos constituímos sujeitos sociais, estamos simultaneamente construindo os modos de representação e expressão de nosso grupo social. Durante esse processo, as condutas dos sujeitos vão sendo moldadas por meio da linguagem. É interessante ressaltar que essa linguagem é baseada em signos que estão subordinados a normas e convenções. A linguagem não é baseada em um uso autônomo, individual e arbitrário dos signos linguísticos. Nas palavras de Vygotsky

O pensamento e a linguagem, que refletem a realidade de uma forma diferente daquela da percepção individual, são a chave para a compreensão da natureza da consciência humana. As palavras desempenham um papel central não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução

histórica da consciência como um todo coletivo. Uma palavra é um microcosmo da consciência humana. (1987, p. 132)

As funções cognitivas superiores são desenvolvidas, de acordo com a teoria Interacionista, por meio da mediação. Usar a linguagem requer de um sujeito que ele possa construir um repertório interno de significações que deem a possibilidade de discutir, apreender sobre ideologias, usar metáforas, compreender de maneira abstrata e representacional as suas relações com o mundo.

Em relação ao filme analisado, percebe-se que a personagem Nell, claramente, possuía um repertório linguístico internalizado desde a infância, mesmo que lhe fosse particular/peculiar. Ela conhecia e compreendia o significado do léxico do seu idioma nativo (inglês) dentro da esfera de convivência e relações sociais que possuía. Contudo, ao ser criada afastada do contato com outras pessoas além de sua mãe, a sua comunicação quando adulta se mostra pouco eficaz, pois durante o período de aquisição de sua linguagem, a protagonista foi privada da interação com diferentes pessoas e círculos sociais.

Vygotsky (1999) defende a teoria de que todo o conhecimento humano é construído socialmente, unicamente no âmbito das relações humanas. Essa teoria é fundamentada na concepção de que o desenvolvimento é um processo sócio-histórico que é completamente comandado pela linguagem. Essa troca de saberes que permite o desenvolvimento mental se pauta na dialética. É claro no filme quando Nell aprende coisas novas com o médico e a psicóloga, mas eles também aprendem com ela.

Partindo do postulado por Vygotsky sobre os níveis reais e potenciais (proximais) que os indivíduos podem alcançar intelectualmente com a interferência de outros, infere-se que a aprendizagem é um fato social. Para esse teórico, o desenvolvimento não é imutável nem universal, e muito menos independente do momento histórico-social da humanidade. Em síntese, expõe-se que a cultura é constituição natural do homem, pois o seu psicológico se molda pela internalização dos modos e valores culturalmente organizados.

Entende-se, portanto, que o conjunto pensamento-linguagem é a ferramenta mais significativa para o indivíduo internalizar os processos e “contratos sociais” que regem sua língua materna. Sociedade e Língua são partes inseparáveis do processo psíquico da aquisição da linguagem, pois, citando Fiorin, “a realidade só tem

existência para os homens quando é nomeada. (...) Só percebemos no mundo o que nossa língua nomeia” (2006, p.55).

Outro teórico muito estudado no tocante ao desenvolvimento da linguagem e do pensamento é Jean Piaget, que postula a concepção de criança como um ser dinâmico, que não para de interagir com a realidade em nenhum momento. Para Piaget, é essa interação que faz com que o ser humano desenvolva suas estruturas mentais e aprimore as maneiras de fazê-las bem-sucedidas. Tal processo é conhecido com *Assimilação/Acomodação*.

As ideias de Piaget (*apud* MENDONÇA, 2012) acerca do desenvolvimento humano se fundamentam em três aspectos básicos:

- 1 – A concepção de relativismo genético, ou seja, a definição de que nossos genes são parte determinante do que somos.
- 2 – A ideia de que o conhecimento parte de alguma ação.
- 3 – O processo dialético, e a noção de que o sujeito constrói suas estruturas cognitivas e seu conhecimento através das ações e interações.

A teoria piagetiana se fundamenta no aprimoramento cognitivo resultando em capacidades crescentes de adquirir, empregar e transformar conhecimentos sobre o mundo. Piaget nomeou sua teoria de “epistemologia genética”, que, sucintamente, pode se resumir na afirmação de que “desde que nascem, as pessoas organizam o que conhecem por meio de representações mentais da realidade que as ajudam a dar sentido a seu mundo” (ULBRA, 2009, p. 24).

Portanto, infere-se que o ponto central da análise desse pensador é a interação organismo-meio que, por sua vez, acontece por meio da organização interna do indivíduo que não se separa da adaptação ao meio.

Relacionando o postulado por Piaget e o filme analisado, o que mais chama a atenção no caso de Nell é que ela foi criada em um meio restrito em estímulos e interações, mas, mesmo assim, não perdeu sua capacidade de refletir e se organizar enquanto indivíduo. Assim, retomamos as concepções de Piaget sobre o relativismo genético, pois, mesmo tendo crescido afastada da sociedade como, as suas funções cognitivas superiores, que a definem como ser humano, não foram perdidas.

A partir dessas teses publicadas pelos teóricos citados anteriormente, o Linguista Noam Chomsky, na década de 1950, postulou a teoria Inatista, que defende a capacidade do ser humano de desenvolver a linguagem de forma universal. Trinta anos após a publicação dessa hipótese, o pensador sustentou a teoria dos Princípios

e Parâmetros, a qual afirma que o ser humano é fisiológica e geneticamente capaz de desenvolver linguagem e fala, e que só precisa ser corretamente estimulado para isso.

Em se tratando da linguagem, Noam Chomsky afirma que o conhecimento linguístico que um indivíduo possui é muito maior do que a manifestação externa dele. Para o linguista norte-americano, todos os seres humanos nasceriam com um mecanismo nomeado de “Gramática Universal”, dividida em princípios linguísticos universais e parâmetros individuais, que seriam moldados através do contato com a língua materna de cada falante (SCARPA, 2009, p. 208).

Segundo Chomsky, “a linguagem é específica da espécie humana, dotação genética, e não um conjunto de comportamentos verbais. Ela é adquirida como resultado do desencadear de um dispositivo inato” (*apud* SCARPA, 2009, p. 206).

No que tange à teoria chomskiana sobre a capacidade inata para adquirir as línguas naturais, podemos depreender sobre o acima discutido que

Para Chomsky, a análise das línguas naturais deve permitir determinar as propriedades estruturais que distinguem a língua natural de outras linguagens. Chomsky acredita que tais propriedades são tão abstratas, complexas e específicas que não poderiam ser aprendidas a partir do nada por uma criança em fase de aquisição da linguagem. Essas propriedades devem já ser ‘conhecidas’ da criança antes de seu contato com qualquer língua natural e devem ser acionadas durante o processo de aquisição da linguagem. Para Chomsky, portanto, a linguagem é uma capacidade inata e específica da espécie, isto é, transmitida geneticamente e própria da espécie humana. (...) assim como Saussure - que separa língua de fala, ou o que é linguístico do que não é – Chomsky distingue competência de desempenho. A competência linguística é a porção do conhecimento do sistema linguístico do falante que lhe permite produzir o conjunto de sentenças de sua língua; é um conjunto de regras que o falante construiu em sua mente pela aplicação de sua capacidade inata para a aquisição da linguagem aos dados linguísticos que ouviu durante a infância. O desempenho corresponde ao comportamento linguístico, que resulta não somente da competência linguística do falante, mas também de fatores não-linguísticos de ordem variada, como: convenções sociais, crenças, atitudes emocionais do falante em relação ao que diz. (...) o desempenho pressupõe a competência, ao passo que a competência não pressupõe desempenho. (FIORIN, 2006, p.15)

De acordo com a teoria chomskiana, com um limitado conjunto de regras gramaticais e um conjunto finito de palavras, o ser humano é capaz de criar um número infinito de sentenças (MENDONÇA, 2012, p. 25). Por essa constatação, Chomsky concluiu que o homem possui a capacidade inata de estruturar e oralizar seu pensamento (o que ele chamou de *gramática universal*).

Retomando os conceitos de Princípios e Parâmetros, de acordo com Chomsky, um indivíduo que está adquirindo sua linguagem necessita internalizar apenas os itens lexicais básicos (basicamente, morfemas e palavras). Para esse autor, um ser humano, ao ser exposto a exemplos linguísticos primordiais, é capaz de criar estruturas mentais organizadas que lhe permitem produzir novos enunciados. O papel da interação verbal, para Chomsky, é o de acender as estruturas mentais internas que uma pessoa já possui desde o nascimento.

Em resumo, de acordo com a teoria Inatista de Chomsky, os seres humanos possuem um Dispositivo de Aquisição de Linguagem (DAL), que seria universal, e que possibilitaria a qualquer pessoa se apropriar das noções essenciais de uma língua.

3.2 AS TEORIAS DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM COMPARADAS ATRAVES DO FILME *NELL*

Retomando novamente o filme analisado, podemos depreender que, de acordo com o postulado pelo Inatismo chomskiano, a personagem Nell foi capaz de adquirir as noções linguísticas que sua mãe afásica lhe propiciou, pois todo ser humano é inatamente capaz de tal feito. Ao ser exposta à sociedade, mesmo com grande dificuldade na fonoarticulação das palavras herdada de sua criação, a protagonista era capaz de expressar-se com organização e sistematização de seu raciocínio.

O argumento de Chomsky se fundamenta na afirmação de que entre os 18 e os 24 meses, mesmo sendo exposta a uma fala fragmentada (como a da mãe da protagonista do filme), uma criança tem capacidade para adquirir e internalizar os sistemas complexos que regem um idioma e que formam a gramática interna de cada falante. Acerca disso, Chomsky discorre sobre a “pobreza de estímulo”:

Um mecanismo ou dispositivo inato de aquisição da linguagem (em inglês, *language acquisition device*), que elabora hipóteses linguísticas sobre dados linguísticos primários (isto é, a língua a que a criança está exposta), gera uma gramática específica, que é a gramática da língua nativa da criança, de maneira relativamente fácil e com um certo grau de instantaneidade. Isto é, esse mecanismo inato faz “desabrochar” o que ‘já está lá’, através da projeção, nos dados do ambiente, de um conhecimento linguístico prévio, sintático por natureza (*apud* SCARPA, 2009, p. 207).

Chomsky, por sua vez, explicaria o processo de aquisição de linguagem de Nell como sendo resultado de elaborações de hipóteses linguísticas que a protagonista fez acerca da fala da mãe. Isso, conseqüentemente, gerou nela seus mecanismos individuais de linguagem, que se aproximavam quase à exatidão da fala afásica que foi, obviamente, sua “língua nativa”, pois ela não foi exposta a outros parâmetros quando estava na idade crítica para a aquisição da linguagem. A saber, segundo o linguista e neurocientista alemão Eric Lenneberg (apud GODOY, 2011), esse período vai do início do primeiro ano de vida até o início da puberdade, aproximadamente, quando as estruturas mentais e a plasticidade cerebral se tornam cada vez mais consolidadas.

Sua dicção com a pronúncia fonética fragmentada, como, por exemplo, as palavras “*spee*” para “*speak*” e “*gain’ja*” que significava a expressão “*guardian angel*”, foram consequência da internalização exclusiva dos signos linguísticos tais como eram proferidos por sua mãe. Entretanto, após um curto espaço de tempo exposta ao contato com outras pessoas, Nell não apresenta grandes dificuldades em pronunciar a palavra “*crazy*”, na cena em que um homem diz “*she’s crazy*” ao tentar abusar sexualmente dela e ser impedido pelo médico, Dr. Lovell (interpretado por Liam Neeson).

Como visto, inúmeros teóricos afirmam que a aquisição e plena competência/desempenho da língua por seu falante depende de um fator fundamental: a interação social. Quando a criança interage com os adultos, é função deles dirigir e organizar o aprendizado infantil para que o conhecimento seja dominado e internalizado eficientemente. Sobre tal fato, inferimos que “o ponto importantíssimo da aprendizagem social é a observação e imitação de modelos, ou seja, a aprendizagem observacional, em que a criança adquire novas habilidades através da observação que faz dos outros” (ULBRA, 2009, p.40).

Como qualquer ciência, entretanto, a linguística não é estanque e suas teorias passam constantemente por contestações, atualizações e melhorias. Desenvolvidas com as pesquisas de Jean Piaget, vemos a hipótese nomeada de “cognitívismo epigenético”. Essa teoria parte do pressuposto de que o desenvolvimento linguístico na criança é exponencialmente relacionado ao seu raciocínio. Para o estudioso suíço, a linguagem só é manifesta na criança quando ela atinge maturidade cognitiva suficiente para superar o estágio sensório-motor e desenvolve a habilidade de

relacionar *significante* (sinal linguístico) e *significado* (objeto), além de armazenar experiências cognitivas e recuperá-las através da linguagem.

Piaget, portanto, justificaria o processo de aquisição de linguagem de Nell sendo o resultado da sua maturação cognitiva, a partir de quando ela atingiu idade suficiente para ser capaz de adquirir e empregar as funções simbólicas e representativas sobre a realidade que a rodeava. Sendo os únicos estímulos linguísticos recebidos, a protagonista internalizou como seus parâmetros empíricos individuais os princípios gramaticais, sintáticos e semânticos deficitários. Logo, ao ser examinada, constatou-se que mesmo não tendo alterações neurológicas e cognitivas, os signos linguísticos usados simbolicamente por ela são como os de uma pessoa que possui afasia.

Por último, citando Vygotsky, entendemos a internalização linguística como a consolidação interna de operações e estímulos externos ao indivíduo. Para o estudioso bielorrusso, “a fala e o pensamento prático devem ser estudados sob a mesma ótica, pois a atividade simbólica, viabilizada pela fala, organiza o pensamento. Com ela, a criança controla o ambiente e seu próprio comportamento” (SCARPA, 2009, p. 212).

Em síntese, prova-se necessário o ambiente externo, em forma de objetos ou interação com outros, para que o ato da fala seja bem-sucedido.

Vygotsky explicaria, à luz de sua teoria, que a personagem Nell internalizou a simbologia representativa de sua mãe. Por ter permanecido em isolamento social até completar aproximadamente 30 anos de idade, a protagonista do filme não foi capaz de internalizar as convenções sociais.

Para provar que a personagem Nell não possuía nenhuma alteração cognitiva ou deficiência, os médicos e psicólogos que a examinam afirmam que mesmo falando um idioma fragmentado e deficitário, outras funções cognitivas superiores não foram afetadas, como por exemplo, a sua memória, que é constantemente mostrada no decorrer do filme através de *flashbacks* de sua infância nas montanhas, acompanhada de sua irmã gêmea. A análise dos hábitos de Nell mostrou que ela era perfeitamente capaz de se comunicar, de estabelecer laços de afetividade, e, principalmente, de compreender o outro como uma entidade separada da dela, com toda sua individualidade.

A protagonista, com todas as dificuldades de dicção possuía pensamento abstrato, pois compreendia conceitos como amor e morte. Para ela, criada em um

meio restrito de relações com outros humanos, o contato e a intimidade se mostraram muito importantes, como é mostrado na cena em que ela, diante de toda a cidade, diz ao juiz que mesmo tendo conhecimentos e sofisticação, os habitantes da cidade não olhavam nos olhos uns do outros.

A habilidade da protagonista em aprender novos vocábulos ao ser exposta ao contato com outras pessoas (não afásicas) demonstra que as hipóteses sobre a aquisição de linguagem não são opostas, mas sim complementares. A teoria de Chomsky sobre a capacidade inata do ser humano adquirir linguagem, assim como o Interacionismo proposto por Vygotsky e Piaget se provam reais quando são estudados através da análise de um filme que mostra uma história como a de Nell.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para fins de uma ponderação final, depreende-se que uma das questões mais profundas suscitadas pelo filme analisado é: será correto civilizar uma pessoa dita “selvagem” sem que ela deseje isso?.

A título de reflexão, devemos considerar alguns pontos: qual é o conceito de selvagem? Tornamos alguém melhor ao civilizá-lo? Com que autoridade alguém pode escolher o destino do outro? O que é, afinal, civilizar? A cultura de um indivíduo é mais ou menos importante de acordo com a língua que essa pessoa fala?

Assim como aspectos culturais diferem um do outro, as línguas também. Dessa maneira, não podemos enxergar Nell como uma mulher selvagem, mas sim como alguém criado em uma cultura diversa à nossa, mas nem melhor, nem pior. Tendo claras essas noções, vemos um embate sobre o que seria ou não cultura. Para os outros personagens do filme, a falta de sociabilidade de Nell atribui a ela um caráter de selvageria, de falta de civilidade, pois ela tem comportamentos distintos dos deles. Por outro lado, se considerarmos os rituais de banhar-se, sepultar e visitar seus mortos, não se pode falar que ela não possui tradição cultural.

Concluindo, podemos sintetizar que Jean Piaget e Lev Vygotsky foram estudiosos que analisaram o comportamento humano pela investigação do pensamento através do processo da aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil. Eles almejavam compreender de que modo a racionalidade humana, os comportamentos sociais e subjetivos, e a representação de coisas e fatos ocorridos no meio em que o indivíduo é inserido constroem e moldam as identidades.

Por sua vez, Noam Chomsky pretendia correlacionar fala e mente através de fatores biológicos, pois propunha a predeterminação de uma Gramática Universal e intrínseca a todo ser humano. Para ele, para linguagem se desenvolver, bastava o correto acionamento das estruturas mentais responsáveis por isso.

Obviamente, por sua natureza e recursos, o filme analisado não apresenta digressões teóricas ou emprego explícito dos conceitos científicos apresentados nesse artigo. De qualquer maneira, no entanto, ele serviu ao propósito de instigar questionamentos sobre a complexidade que envolve um processo tão simples aos olhos leigos ao assunto: a aquisição da linguagem.

Ao classificar Nell como deficiente intelectual, fica patente a concepção de que alguém que se comporte diferentemente do padrão considerado normal precisar ser

rotulado como anormal. Com o decorrer da narrativa, vemos que a protagonista não possui deficiência de qualquer tipo. Ela apenas foi criada em um *ethos (locus)* diferente do dos outros.

Ao ser julgada, no fim do filme, Nell consegue nos fazer refletir sobre a essência do que é ser humano. Ela mostra diante de todos, que ela não difere de nenhum deles. Sentimentos como carinho e medo, suas vontades e atitudes são claramente expostos, sem nem mesmo ela se expressar como as outras pessoas, que consideravam seu “dialeto” uma língua incompreensível, mesmo tendo todas as estruturas básicas da língua inglesa.

Com isso, a protagonista mostra que a linguagem humana é sim uma característica universal, pois ela é a ferramenta usada para externar aos outros conceitos e sentimentos que são produzidos comumente por todos os homens. Essa afirmação prova que a caracterização de humanidade é intrinsecamente relacionada ao “homem como ser social”. Fica patente o fato de que a herança genética que herdamos de nossos antepassados, embora não possa ser descartada sua importância, não basta para que um indivíduo saiba se portar como um “ser-no-mundo” (MARTINS, 1986, p.25).

O que fica claro ao final do filme é a desconstrução da visão etnocêntrica, que se configurou, inclusive, em uma nova visão sobre a vida. Se considerarmos a relação entre Nell, o médico e a psicóloga, entenderemos melhor as questões que permeiam a imposição cultural frente às culturas diferentes. É relevante mencionar que no final da película os médicos tiveram uma mudança em relação à visão de sua própria cultura, pois Nell provou que era um ser humano como outro qualquer, tendo sido criada, entretanto, em um ambiente diferente.

A protagonista era um ser livre, que vivia de maneira desprendida e simples. Para a sociedade leiga, ela seria considerada autista ou portadora de outra patologia que gerasse transtornos de comportamento.

Portanto, conclui-se que as regras, valores e normas de conduta diferem de uma cultura para outra porquanto são grandezas estipuladas *por* homens *para* os homens de sua época. Mas nunca um sistema de convívio social será melhor que outro.

Inclusive, de forma profunda, afirma-se que o filme analisado critica a visão unilateral da sociedade contemporânea, que, simultaneamente ao pregar a liberdade,

tolhe o indivíduo ao determinar normas e conduta de como ele deve agir e como ele deve ser.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Antônio Suárez. **Linguística Cognitiva: uma visão geral e aplicada**. Cotia: Ateliê Editorial, 2010.
- BAGNO, Marcos. **Língua, Linguagem, Linguística**. São Paulo: Parábola, 2014.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1990. 196 p.
- BAQUERO, R. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- BOCK, Ana M. B.; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. Editora Saraiva: São Paulo, 1989.
- CHOMSY, Noam. **Diálogos com Mitsou Ronat**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- CHOMSY, Noam. **Regras e representações: inteligência humana e seu produto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à Linguística 1: Objetos Teóricos**. Editora Contexto: São Paulo, 2006.
- FROTA-PESSOA, Oswaldo. Genes e Ambiente: o comportamento. In CRP – 6ª Região e Sindicato dos Psicólogos do Estado de São Paulo. **Psicologia no ensino de 2º grau – uma proposta emancipadora**. São Paulo: Edicom, 1986.
- GODOY, Elena. **Psicopedagogia: Psicolinguística**. Editora IBPEX: Curitiba, 2009.
- GODOY, Elena; SENNA, Luiz Antônio Gomes. **Psicolinguística e Letramento**. Editora IBPEX: Curitiba, 2011.
- KOCH, Ingedore Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. Editora Contexto: São Paulo, 1993.
- LA ROSA, J. **Psicologia e Educação: o significado do aprender**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- LINS, Augusto Estellita. **Diálogos com os signos da Arte: Ensaio de Arte e Semiologia**. Editora Ser: Brasília, 1991.
- MARTINS, Joel. **Psicologia e comportamento**. In CRP – 6ª Região e Sindicato dos Psicólogos do Estado de São Paulo. **Psicologia no ensino de 2º grau – uma proposta emancipadora**. São Paulo: Edicom, 1986.
- MENDONÇA, Fernando Wolff. **Linguagem Oral e Escrita**. Curitiba: lesde, 2012.
- MORATO, Edwiges. Neurolinguística. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Chistina (orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2009.
- NELL**. Direção: Michael Apted. Produção: Renee Missel e Jodie Foster. USA: Fox Video, 1994. 115 min., son, color.
- NOGUEIRA, Makeliny Oliveira Gomes; LEAL, Daniela. **Teorias da Aprendizagem, um encontro entre os pensamentos filosófico, pedagógico e psicológico**. Editora Intersaberes: Curitiba, 2013.
- OLIVEIRA, Marta K. **Vygotsky - aprendizado e desenvolvimento: um processo sociohistórico**. São Paulo: Scipione, 1999.

- PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de; MENDONÇA, Fernando Wolff. **Psicologia do Desenvolvimento**. Curitiba: Iesde, 2018. 166 p.
- PIAGET, Jean. **A Construção do Real na Criança**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- PIAGET, Jean. **A Epistemologia Genética**. Trad. Nathanael C. Caixeira. Petrópolis: Vozes, 1971.
- PIAGET, Jean. **A Equilibração das Estruturas Cognitivas: Problema central do desenvolvimento**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- PIAGET, Jean. **A Evolução Intelectual da Adolescência à Vida Adulta**. Porto Alegre: Faculdade de Educação, 1993.
- PIAGET, Jean. **A Formação do Símbolo na Criança: Imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- PIAGET, Jean. **A Linguagem e o Pensamento na Criança**. Trad. Manuel Campos. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959.
- PUPPI, Alberto. **Metodologia do Ensino de Artes: comunicação e semiótica**. Editora IBPEX: Curitiba, 2009.
- RÉ, Alessandra del; PRÉNERON, Christiane. **Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística**. São Paulo: Contexto: 2010.
- REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes: 1995.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1962.
- SCARPA, Ester Mirian. **Aquisição da Linguagem**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2009
- UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL. **Psicodinâmica da Aprendizagem**. Editora IBPEX: Curitiba: 2009.
- VAN DER VEER, R; VALSINER, J. **Vygotsky: uma síntese**. São Paulo: Loyola, 2001.
- VYGOTSKY, Lev. **Construção do Pensamento e da Linguagem**, SP: Martins Fontes, 2001.
- VYGOTSKY, Lev. **Desenvolvimento Psicológico na Infância**, SP: Martins Fontes, 1999.
- VYGOTSKY, Lev. **Estudos sobre a História do Comportamento**, Porto Alegre: Artmed, 1997.
- VYGOTSKY, Lev. **Formação Social da Mente**, SP: Martins Fontes, 1999.
- VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e Linguagem**. SP: Martins Fontes (tradução da versão resumida norte-americana), 1987.
- VYGOTSKY, Lev; et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**, SP: Ícone/EDUSP, 1988.
- WALLON, H. **Psicologia e Educação da criança**. Lisboa: Veja, 1979.